

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

M P L A

MP/LA

APRESENTAÇÃO
BOLETIM
DE
ORIENTAÇÃO POLÍTICA

A CLASSE OPERÁRIA ANGOLANA

caderno n.º 1

Editado pelo DOP

Janeiro 1973

APRESENTAÇÃO DO boletim de orientação política

Neste mês de Janeiro de 1973 aparece o primeiro número do Boletim de Orientação Política (BOP).

O BOP foi criado pelo movimento de reajustamento. A nossa Programação Geral diz textualmente:

" O funcionamento dos Grupos de Orientação Política basear-se-á em métodos de trabalho justos tais como a observação rigorosa da democracia, a investigação dos factos, o uso do livro apenas como referência, a elaboração de documentos escritos, o envio periódico de documentos ao Grupo de Orientação Política do escalão superior e a colaboração no BOLETIM DE ORIENTAÇÃO POLÍTICA. Para os Grupos de Orientação Política a prioridade deve ser sempre dada aos problemas candentes, quer dizer, aos problemas

que mais afectam as massas ou a Organização; e, em cada problema esforçar-se-ão por agarrar primeiro a questão principal."

O BOP é editado pelo Departamento de Orientação Política e conta com a colaboração activa de todos os Grupos de Orientação Política.

Como vem claramente expresso na Programação Geral, deve dar-se prioridade aos problemas candentes, aos problemas de grande actualidade e de grande importância para cada fase da luta. Eis porque este primeiro número se debruça sobre a questão vital da classe operária angolana.

Nesta fase de libertação nacional em que todas as classes sociais estão unidas numa ampla frente nacional contra o invasor estrangeiro, é imperioso definir desde já, claramente, qual é a classe que deve assumir a direcção da frente de modo a que se garanta a continuidade dum processo revolucionário consequente. Porque a luta de libertação nacional mascara a luta de classes, alguns negam a existência de contradições de classes, e outros vão mesmo ao extremo de afirmar que nos países subdesenvolvidos como Angola não existiriam classes. Finalmente um terceiro grupo, mais "refinado", defende a impossibilidade da direcção da luta pela classe operária. Combater contra todas estas variantes do oportunismo é pois uma tarefa

prioritária.

Há ainda que estabelecer como se processará o jogo das alianças entre as classes no decorrer da Revolução, qual a classe mais revolucionária, qual a classe realmente interessada na liquidação da exploração do homem pelo homem.

A todas estas perguntas se pretende dar resposta neste primeiro número do BOP.

Duma maneira geral, o Boletim de Orientação Política deverá esforçar-se por teorizar a nossa experiência, que é já bastante rica e pródiga em ensinamentos. É a isto que a Programação Geral chama "elevar a prática ao nível da teoria". Daí se depreende quão importante e decisiva é a participação dos grupos de orientação política.

Nos últimos anos o nosso Movimento, em virtude de condicionalismos vários, descurou os problemas teóricos. Com o movimento de reajustamento, porém, eles apareceram em primeiro plano. A adopção duma TEORIA DA REVOLUÇÃO foi considerada o primeiro princípio do reajustamento. É pois nosso dever não deixar esmorecer este arranque inicial e prosseguir infatigavelmente no esforço de elaboração teórica e de formação ideológica.

I. QUESTÕES TEÓRICAS

A História da Humanidade reflecte, em última análise, as diversas formas que toma a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção.

Enquanto que, duma maneira geral, as forças produtivas crescem ininterruptamente, as relações de produção mantêm-se estacionárias durante vários séculos. De início há um acordo entre o grau de desenvolvimento das forças produtivas e as novas relações de produção. Mas a contradição existente entre elas evolui, até que o acordo se transforma em desacordo, em antagonismo: as forças produtivas já não podem desenvolver-se plenamente sob aquelas relações de produção, o que significa que o desenvolvimento das forças produtivas cria as condições para o aparecimento de novas relações de produção. É então necessário rebentar com as velhas relações de produção e criar novas relações de produção que estejam em concordância com o nível de desenvolvimento das forças produtivas e permitam, por certo período, o seu pleno desenvolvimento; trata-se dum acto político a que se chama Revolução.

As forças produtivas progredem, pois, ininterrupta e paulatinamente, enquanto que as relações de produção se desenvolvem aos saltos, duma velha qualidade para uma nova. Cada salto nas relações de produção é sempre um acto doloroso, mas heróico, é o surgir duma nova era, é uma Revolução.

Assim, a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção é o motor do desenvolvimento social. Nessa contradição, o factor determinante são -- em geral -- as forças produtivas. Portanto é progressista todo o tipo de sociedade (todas as relações de produção) que estimula o desenvolvimento das forças produtivas; é reaccionário todo o tipo de sociedade que frene o progresso das forças produtivas.

A opposição entre forças produtivas e relações de produção exterioriza-se na contradição entre as classes. Há sempre uma classe ligada às novas forças produtivas (e que portanto quer instaurar novas relações de produção que permitam um maior desenvolvimento das forças produtivas) e outra clas-

se com interesse na manutenção do estado de coisas (que portanto luta pela sobrevivência das velhas relações de produção, impedindo assim o pleno desenvolvimento das forças produtivas). A classe que luta pelo pleno desenvolvimento das forças produtivas acaba forçosamente por vencer, porquanto não se pode parar indefinidamente a marcha da História; essa classe representa o futuro.

Esta dialéctica da sociedade explica a passagem da comunidade primitiva para o escravagismo, do escravagismo para o feudalismo, deste para o capitalismo, e finalmente a destruição violenta do capitalismo pela revolução proletária, a alvorada da sociedade socialista.

Porque Angola é um país de estrutura capitalista, vamo-nos deter mais largamente sobre este regime social. As relações de produção do capitalismo apresentam as seguintes características:

1) relações de propriedade: existe a propriedade privada sobre os meios de produção (as fábricas, minas, transportes, roças, etc. são propriedade dos capitalistas).

2) relações de partilha do produto: o produto é dividido desigualmente, só uma pequena parte, o salário, é destinada aos trabalhadores, a maior parte, a mais-valia ou lucro, é açambarcada pelos capitalistas, embora também seja produzida pelos operários.

3) relações de classe: há duas classes principais e antagónicas, a classe dos capitalistas e a classe dos trabalhadores ou operários. Além disso há a classe camponesa e a camada dos intelectuais.

Resumindo: no sistema capitalista, além dos camponeses e dos intelectuais, há duas grandes classes fundamentais que se disputam o poder: a classe capitalista ou burguesa e a classe trabalhadora ou operariado.

A classe capitalista é a detentora dos meios de produção, das grandes riquezas; é ela quem aufera a maior parte do rendimento nacional, sob forma de mais-valia. Os seus componentes estão em geral completamente desligados do processo produtivo, pelo que o parasitismo e a ociosidade são dos seus traços mais marcantes. É pois natural que esta classe se esforce por manter o estado

de coisas, isto é, a ordem reinante, o sistema capitalista, as relações de produção capitalistas.

A classe operária é por natureza a classe despossuída, que se vê portanto forçada a vender a sua força de trabalho aos capitalistas. A remuneração da força de trabalho constitui o salário. Para além do salário há a mais-valia, produzida pelos trabalhadores, mas apropriada pelos capitalistas.

Os camponeses e os intelectuais também estão objectivamente em contradição com os capitalistas. Porém a sua posição relativa na sociedade, não permite fazer deles a ponta de lança do combate anti-capitalista.

Com efeito, os camponeses também são proprietários. É verdade que em Angola quase todos os camponeses são pequenos proprietários, com lavras que não ultrapassam o dois hectares. No entanto, esta pequena propriedade é suficiente para gerar neles um espírito pequeno-burguês e a aspiração de vir a ser grandes proprietários.

Os intelectuais, embora não possuindo em princípio qualquer propriedade e embora se vejam também obrigados a vender a sua força de trabalho intelectual, ocupam na sociedade uma posição bem diferente dos operários, precisamente em virtude da sua participação muito maior na riqueza social. Este facto enfileira os intelectuais entre a pequena-burguesia.

O aspecto pequeno-burguês que define os camponeses e os intelectuais, limita objectivamente a sua participação na Revolução. Só os trabalhadores, a classe mais despossuída, não tem nada a perder, a não ser as suas próprias grilhetas. Os trabalhadores não têm nada a perder na Revolução, mas tudo a ganhar; eles são a classe mais revolucionária.

Daí transparece o núcleo do pensamento revolucionário: a transformação social não é obra da boa vontade dos homens, mas sim duma força material que tem um interesse profundo nessa transformação. Essa força material é sempre uma classe. No capitalismo, é a classe operária que constitui a principal força material da Revolução proletária. Ela é o covão do capitalismo.

Passagens seguras em revista as razões que fazem do operariado a classe mais revolucionária:

Primeiro: O proletariado está intimamente ligado ao processo produtivo, constituindo precisamente o principal elemento, ao lado dos instrumentos de produção e das matérias-primas.

As forças produtivas são a união da força de trabalho e dos instrumentos de trabalho, ou em termos mais simples, do operário e da máquina.

O operário participa nas forças produtivas com o seu poder físico e intelectual. Portanto, toda a evolução do operário como homem significa um progresso das forças produtivas.

Por outro lado, o operário está interessadíssimo no desenvolvimento dos instrumentos de produção, porque em princípio, o processo técnico alivia o operário das tarefas mais penosas.

Quer dizer, o operário está profundamente interessado na sua própria elevação e na da maquinaria. Ele está, pois, profundamente interessado no progresso das forças produtivas.

Os camponeses também estão inteiramente ligados ao processo produtivo. Mas ao contrário dos trabalhadores não estão vinculados às forças produtivas mais modernas. Inclusive, em Angola, os trabalhos da lavra, são executados segundo os métodos mais arcaicos.

Segundo: O operariado é a única classe completamente despossuída e deserdada. Não dispõe senão da sua força de trabalho, está totalmente interessado numa profunda remodelação social.

Os intelectuais também não são proprietários, também estão ligados às forças produtivas modernas. Mas essa ligação não é tão íntima como a que existe com os trabalhadores, e além disso a maior participação dos intelectuais na riqueza social não faz deles um grupo tão interessado na Revolução. Por ser pouco numerosa, a camada intelectual nunca poderá constituir uma força material decisiva.

Terceiro: Precisamente por estar ligada às forças produtivas modernas, a classe operária tende a aumentar em número e a constituir de ano para ano uma percentagem crescente da população. Enquanto que os camponeses tendem a diminuir quanto mais não seja

em números relativos. Êxodo rural significa precisamente que os camponeses emigram para as cidades, convertendo-se, na sua maior parte, em operários.

Quarto: O proletariado não está só ligado às forças produtivas modernas, como também representa um novo modo de produção, o modo de produção socialista.

Por conseguinte, não é só por ser uma classe pobre ("proletária" no sentido etimológico da palavra) nas sobretudo por representar um novo modo de produção que a classe operária deverá vencer.

Na verdade, a história conhece numerosas classes pobres, desde os escravos e servos da Antiguidade, aos pequenos camponeses do regime capitalista. No entanto, nenhuma delas foi capaz de levar a bom termo uma Revolução pelo facto de não representar nenhum modo de produção.

Da mesma forma, os intelectuais não representam nenhum modo de produção.

Uma camada merece também a nossa atenção o lumpen-proletariado, recrutado essencialmente entre os elementos provenientes do êxodo rural (mas também entre os trabalhadores desempregados), não absorvidos pela economia urbana. Estes elementos marginais que se recusam a voltar ao campo, manifestam tendências extremamente anárquicas. Altamente indisciplinados, são porém capazes de actos de extrema bravura. Alguns deles são recuperáveis por um vasto movimento revolucionário.

A contradição fundamental do capitalismo - é a contradição entre o carácter social da produção e a forma capitalista privada de apropriação dos bens materiais.

Esta contradição expressa, por um lado, a oposição entre forças produtivas e relação de produção, por quanto a apropriação privada impede o pleno desenvolvimento das forças produtivas e da produção.

Por outro lado, a contradição fundamental do capitalismo traduz-se no antagonismo entre a classe operária e a burguesia. A classe operária representa as forças produtivas socializadas e o carácter social da produção, enquanto que a burguesia representa a apropriação privada dos bens materiais.

O teórico vietnamita Le Duan diz: "se nós compreendermos que a luta de classes está estreitamente ligada

à evolução da sociedade dum modo de produção a um outro não podemos realizar o papel histórico da classe operária.

Porém - e isto é fundamental sobretudo num país sub-desenvolvido como nosso - a classe operária isolada não pode vencer. Ela tem que constituir um poderoso bloco com o campesinato laborioso, e a intelectualidade revolucionária.

Constituindo os camponeses cerca de 90% da população do nosso país, sendo explorados desvergonhadamente, e desempenhando o campo um papel enorme nas revoluções democráticas-nacionais dos países sub-desenvolvidos, a importância do campesinato torna-se de facto muito grande.

No entanto, pelas razões atrás apontadas, a massa camponesa não pode ser a dirigente revolucionária.

Os camponeses só podem ver realizadas as suas aspirações democráticas se participarem na Revolução proletária dirigida pelos trabalhadores. Da mesma maneira, as reivindicações mais legítimas dos intelectuais revolucionários, o seu direito a uma vida justa, o seu desejo de desenvolver uma ciência humana, contra a alienação de todo o tipo, a sua luta pela paz e pela democracia, só encontrarão satisfação no quadro vasto da Revolução operária.

Vista as coisas sob outro ângulo, pode afirmar-se que quanto mais o campesinato laborioso estiver ligado à classe operária tanto mais ele garantirá o papel dirigente desta última.

Com efeito, a luta entre a classe operária e a burguesia, pela direcção da Revolução, consiste essencialmente para cada uma delas em ganhar as massas camponesas. A classe que conseguir ter do seu lado o campesinato laborioso terá a direcção da Revolução. Eis porque é tão fundamental para o operariado ganhar para si o campesinato, como condição-base para a realização da sua própria missão histórica, ou seja para a conquista do poder e estabelecimento de relações socialistas.

Há um facto novo que marca indelévelmente a História da Humanidade; o operariado é a única classe que ao assumir o poder, ao libertar-se, liberta também todas as outras classes. Esta é a razão profunda da aliança dos camponeses e dos intelectuais revolucionários com os trabalha-

dores, a única classe à altura de abolir para sempre todo o tipo de relações de exploração do homem pelo homem.

Portanto, estabelecer a hegemonia revolucionária da classe operária é a questão primordial para a Revolução.

Nos nossos países explorados por potências estrangeiras, há que levantar bem alto a bandeira da independência nacional. Na verdade, o movimento de libertação nacional é parte integrante do movimento revolucionário proletário.

A classe operária só pode fazer triunfar a Revolução proletária se se puser à frente do vasto movimento de libertação nacional, guiando as massas camponesas, os intelectuais, a pequena burguesia e mesmo largos sectores da burguesia nacional. É isto porque a revolução nos nossos países realizar-se-á forçosamente por etapas: revolução democrática-nacional, revolução socialista. Não querer reconhecer a necessidade destas duas etapas, seria cair no mais estéril dos "esquerdismos".

Para cada fase histórica há que determinar claramente qual é a contradição principal, para se definir o conceito histórico de "povo" para a etapa em questão, para destrinçar claramente os amigos dos inimigos e finalmente para se estudar os tipos de contradição no seio do povo.

O facto de que as classes operárias de certos países (China, Coreia, Vietnam, Cuba, etc.) tenham conseguido levar a bom termo o movimento de libertação nacional, faz realçar, sem dúvida alguma, o papel da classe operária angolana na conjuntura presente.

II. PARTICULARIDADES DA CLASSE OPERÁRIA ANGOLANA

Em Angola há 511.000 assalariados; se desse total extrairmos os 61.000 empregados europeus, obteremos a diminuta cifra de 450.000 assalariados angolanos.

A classe operária é muito reduzida. Grosso modo, 210.000 trabalhadores estão ocupados nas indústrias, transportes e serviços (excluindo deste total os indivíduos de raça branca). 240.000 são trabalhadores agrícolas, compreendendo os "contratados", pelo que no total há cerca de 450.000 trabalhadores urbanos e rurais, perfazendo 18% da população activa global; somente 7% são trabalhadores da indústria, transportes e serviços, quer dizer, verdadeiros trabalhadores, na acepção restrita e precisa do termo.

Portanto, dos 450.000 trabalhadores no sentido genérico do termo 54% são rurais (240.000 indivíduos) e 46% são urbanos ou trabalham na indústria extractiva (210.000 indivíduos).

Feita esta análise estatística, vejamos quais as características da massa operária angolana:

1º a classe operária de Angola é numericamente fraca.

2º é um grupo social jovem, uma vez que só nos princípios deste século XX foram introduzidas as relações capitalistas no nosso país.

3º Compõe-se sobretudo de ex-camponeses, recentemente saídos do meio rural, mas mantendo ainda com ele toda uma série de ligações tribais e de identidades psicológicas.

4º 81% dos assalariados agrícolas e das minas são trabalhadores forçados, portanto rotativos e eventuais, que regressam ao sector tradicional logo após o terminus do "contrato", reintegrando-se com facilidade.

5º Mesmo os trabalhadores urbanos não estão totalmente desligados das estruturas tribais. Lembremo-nos por exemplo, do facto que mesmo numa grande metrópole como Luanda, cada bairro agrupa em princípio étnico determinado e que com bastante frequência os clubes desportivos e culturais têm um carácter tribal.

6º Somente 57% dos trabalhadores não agrícolas labutam nas indústrias estando os restantes 43% ocupados no

sector terciário. Isto significa que a percentagem dos operários terciários é bastante elevada, o que reflecte bem o parasitismo da sociedade colonial, e ao mesmo tempo explica o fraco grau de desenvolvimento do proletariado angolano como classe.

7^o Como resultado da escassa industrialização de Angola, o proletariado encontra-se disperso por pequenas indústrias. É óbvio que esta dispersão dificulta enormemente a organização e a tomada de consciência dos trabalhadores. As maiores concentrações operárias registam-se nas minas; por exemplo, a Diamang emprega 25.000 operários; mas há um óbice: são rotativos (eventuais) e não são urbanos.

8^o O proletariado angolano é dos mais explorados do mundo. A taxa de mais-valia chega a ultrapassar a cifra incrível de 300% na Diamang.

9^o Embora jovem, o proletariado angolano é certamente mais antigo que a burguesia nacional angolana, porque surgiu com as primeiras empresas capitalistas estrangeiras.

10^o Ao contrário do camponês, o trabalhador está habituado ao trabalho em comum, à organização e à disciplina no trabalho. De todas as classes angolanas é a mais apta a organizar-se.

11^o O proletariado angolano é ameaçado em permanência pelo espectro do desemprego e da fome. A insegurança social - que o flagela mais do que a qualquer outra classe - leva-lhe a pensar seriamente nas condições da sua existência e na natureza do seu inimigo.

Destas onze constatações pode-se chegar já às seguintes conclusões:

Primeiro: Para o estudo da classe operária (ou de qualquer outra classe angolana) não basta conhecer as características gerais duma classe, tal como se apresenta na Europa, mas é fundamental conhecerem-se os condicionamentos locais e sobretudo ter em conta o grau de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção.

Segundo: A classe operária angolana é ainda uma classe embrionária, estando mais ou menos impregnada de preconceitos tribais, raciais e etichistas. A sua men-

talidade semi-camponesa frena o amadurecimento da sua consciência de classe, a criação e o desenvolvimento das suas organizações e a difusão da sua ideologia. Utilizando a definição clássica poderemos dizer que o proletariado angolano é uma "classe em si", não tendo ainda atingido a fase de "classe para si". Assim se explica por que razão se não fez sentir até hoje a presença física, organizacional e hegemónica do proletariado na luta de libertação nacional em Angola.

Terceiro: Todos os factores enunciados no primeiro capítulo deste estudo jogam, no entanto, a favor do proletariado. Quer dizer, o facto de ser uma classe ligada às forças produtivas mais modernas, de ser a mais despossuída e a mais explorada, de estar ligada a um novo modo de produção, faz do proletariado angolano a classe intrinsecamente mais revolucionária, aquela que sem dúvida está destinada a assumir a direcção da luta.

III. A CLASSE OPERÁRIA ANGOLANA E A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

Objectivamente o trabalhador não pode pretender a posse das fábricas e minas onde trabalha, pelo simples facto de que a grande propriedade industrial já não pode ser talhada em pequenas unidades. Este aspecto fundamental faz do trabalhador a classe mais comunitária, mais desinteressada, mais abnegada.

A conclusão inevitável é que o proletariado angolano deve efectivamente assumir a direcção da luta de libertação nacional, deve conduzi-la a bom termo e criar as condições para um avanço ulterior da Revolução.

Certamente que o proletariado angolano terá de contar com a aliança firme do campesinato e dos intelectuais revolucionários e mesmo com o apoio da pequena burguesia e da burguesia nacional.

Com uma clareza meridiana a Programação Geral define a nossa linha política e o papel de cada classe no actual combate anti-colonialista, anti-neocolonialista e anti-imperialista:

"Analisado o nosso país e o mundo, não há dúvida de que quem nos explora e nos oprime, quer dizer, o inimigo, é o colonialismo, o imperialismo e o neo-colonialismo. Hoje em dia não há colonialismo nem neocolonialismo sem imperialismo. É uma verdade que não devemos esquecer. Os três formam de facto um bloco, apresentando-se o colonialismo português como o nosso inimigo directo. E o Povo? O Povo, nesta revolução em que estamos empenhados, são o campesinato, o operariado, a pequena-burguesia, os burgueses nacionalistas e a intelectualidade patriota.

Os camponeses têm de constituir a força principal da nossa Revolução e os operários a força dirigente. So assim poderão satisfazer-se os interesses fundamentais de todas as forças que constituem o Povo. A unidade nacional deverá ser pois uma regra de ouro de todo o nosso pensar e agir. É uma condição fundamental da vitória na libertação do nosso país. UNIDADE, CRITICA UNIDADE. A unidade das classes revolucionárias, a unidade

das regiões e a unidade de todas as etnias são um princípio básico de toda a nossa política. Mas a nossa unidade não para aí. Os povos da África e do mundo estão connosco. Temos amigos e aliados por toda a parte. Amigos os que lutam como nós pelos mesmos objectivos, e de quem somos solidários; aliados os que, por uma razão ou outra, acham útil estabelecer connosco relações de cooperação. O nosso objectivo é satisfazer as reivindicações legítimas das massas populares, em particular das camadas mais exploradas.

As massas são o instrumento de toda a nossa acção. É sobretudo em benefício das suas camadas mais exploradas que lutamos por um regime político de verdadeira democracia, quer dizer, um poder político exercido conjuntamente por todas as classes revolucionárias. Uma aliança dinâmica de todas essas classes na base de interesses comuns. E esse regime político será o reflexo dum regime de verdadeira democracia económica, quer dizer, duma economia em o poder económico duns quantos não pode a vida material de todo um povo. Nós lutamos pelo regime económico que possibilite o desenvolvimento harmonioso de todas as regiões do país. E socialmente teremos então o regime de bem-estar geral, sobretudo pela evolução das condições de vida das camadas mais exploradas, um regime que permitirá o desenvolvimento constante de tudo o que é positivo em todas as nossas culturas, e a criação duma verdadeira cultura nacional revolucionária. Numa palavra, o carácter da nossa revolução é nacional e democrático!

Resumamos com Truong Chinh, teórico da revolução vietnamita:

"Quem deve conduzir a revolução para liquidar o imperialismo e o feudalismo? As quatro classes que constituem o povo: a classe operária, a classe dos camponeses laboriosos, a pequena burguesia, a burguesia nacional. Elas constituem a força da revolução. Quanto à força motriz da revolução, ela é constituída pela classe operária, classe camponesa e a pequena

burguesia. O papel dirigente ^{cabe} à classe operária. A classe dos camponeses laboriosos forma o principal exército da revolução. A pequena burguesia e a burguesia nacional são aliados da classe operária, com esta diferença, entretanto, que a ~~burguesia nacional~~ ^{burguesia nacional} é um aliado condicional".

Alguns desvios à teoria revolucionária, sobretudo acerca do papel da classe operária, registam-se em escritos de teóricos dos países subdesenvolvidos. Este facto explica-se não só por erro de concepção, mas também por incópleta cristalização das classes operárias desses países. Assim, Frantz Fanon considera que os operários dos países subdesenvolvidos são privilegiados em relação aos camponeses para concluir na impossibilidade de se tornar a classe dirigente. Esta formulação além de incorrecta, é prejudicial politicamente. Analisemo-la, pois, é indubitável que nos países subdesenvolvidos as contradições povo-colono aparecem no campo duma maneira muito mais crua e que nos pode levar a pensar que os camponeses sejam mais explorados; no entanto, no caso particular de Angola, os trabalhadores forçados das minas e plantações são tratados ainda mais brutalmente que os camponeses (se assim não fosse, os colonialistas não recorreriam ao "contrato"); seja como for, objectivamente (quer dizer, tendo em conta a taxa de mais-valia), os trabalhadores são mais explorados que os camponeses embora subjectivamente nem sempre se tenha consciência disso.

Da Programação Geral depreende-se que a contradição principal na Angola actual é a que opõe o povo angolano (campeinato, operariado, pequena burguesia, burgueses nacionalistas e intelectualidade patriota) ao colonialismo, imperialismo, e neocolonialismo.

Todas as classes visam a conquista do poder para poderem organizar a sociedade consoante os seus interesses. Portanto, a luta de classes é um fenómeno permanente e absoluto. No entanto, além desta situação de luta, também pode existir temporariamente e com carácter relativo uma situação de equilíbrio e unidade entre as classes.

Na actual fase de libertação nacional, em que a contradição principal é a ^{que} opõe o povo ao seu inimigo colonialista, imperialista e neocolonialista, as classes encontram-se na fase de relativa estabilidade e equilíbrio, pois que a rei-

vindicação nacional mascara, atenua e relega para plano secundário a luta de classes.

Este facto poderá levar algumas pessoas menos esclarecidas ou mal intencionadas a negar a existência da luta de classes e a esquecer-se inclusivamente que a contradição principal é uma forma particular da luta de classes havendo simplesmente ^{uma} extrapolação da contradição interna, na medida ^{em} que as burguesias dominantes são estrangeiras.

Trata-se agora de saber como poderá a classe operária conquistar a hegemonia dentro da frente nacional. No seio da frente unida trava-se um combate ideológico encarniçado que é um aspecto da luta entre as classes que compõem essa frente. Numerosas manifestações ideológicas aparentemente incolores, são na verdade uma defesa obstinada de interesses de classe.

A luta de classes no seio da frente nacional manifesta-se ainda nos diferentes concepções políticas, estratégicas, e no combate pela conquista das posições-chave. Toda esta luta é prelúdio ao grande combate posterior que é a forma de organização política, económica e social no pós-independência.

O proletariado só poderá desempenhar o papel hegemónico se souber estruturar a sua organização própria, orientada pela ideologia proletária. A organização do proletariado colaborará estreitamente com as outras organizações patrióticas dentro da frente unida sem no entanto se deixar arrastar por elas, e pelo contrário, procurando dirigi-las para as posições mais justas e revolucionárias. Isto só será possível se a organização proletária seguir a linha de massas, se souber a todo o momento interpretar os sentimentos mais profundos das suas reivindicações mais justas, e finalmente se a organização proletária souber unir estreitamente as massas camponesas e a intelectualidade patriótica ao núcleo operário.

Mas mesmo sob direcção proletária, a Revolução processa-se por etapas: libertação nacional, revolução democrático-nacional, revolução proletária.

No decorrer dessas fases há modificações na composição classista da aliança popular, paralelamente a

um reforço progressivo da posição do proletariado.

Lutar com o proletariado, é lutar pelo futuro!

~~Um resultado da luta social~~

A VITÓRIA É CERTA!

ARQUIVO L. LERA